

uma *trípode* de bronze sobre uma greta do solo, pela qual subiam vapores embriagantes, que impregnavam todo o seu organismo, produzindo a *mania* profética, neste estado anormal ela pronunciava os oráculos. Aristóteles, em *Vaestas*, I, reg. 28, denomina a pitonisa de “*ventriloqua vates*” ou “profetisa ventriloqua”, devido à sua voz de *estômago*. Os autores antigos situavam a alma do homem (o *Manas* inferior) ou sua consciência pessoal na boca do estômago. Assim encontramos no quarto verso do segundo hino *nâbhânedichta* dos *Brahmanas*: “Escutai, oh filhos dos deuses, aquele que fala pelo umbigo (*nâba*), porque vos chama em vossas moradas”. Este é um fenômeno de sonambulismo moderno. O umbigo era considerado, na Antiguidade, como o “*órculo do Sol*”, o local da divina luz interior. Por isso, o oráculo de Apolo estava em *Delphi*, a cidade de *Delphus*, matriz ou ventre, assim como o local do templo era chamado de *omphalos*, umbigo. Como é bem sabido, um grande número de indivíduos mesmerizados podem ler cartas, ouvir, cheirar e ver por tal parte do corpo. Assim hoje existe na Índia (e também entre os *parces*) a crença de que os Adeptos têm no umbigo chamadas, que para eles iluminam todas as trevas e retiram o véu do mundo espiritual. Entre os zoroastrianos, dá-se a estes Adeptos o nome de *lâmpada do Deshtur* ou “Sumo Sacerdote” e, entre os hindus, “luz ou esplendor do *Dikchita* (Iniciado)”. [Ver *Ísis sem Véu*, I, XXXVIII e XXXIX.]

Pitri – Ver *Pitris* e *Pitaras*.

Pitridâna (*Sâncsc.*) – Oferenda aos manes.

Pitri-devas ou **Pitri-devatâs** (*Sâncsc.*) – Pitris divinos ou *Barhichad-Pitris*. São dotados do fogo criador físico e são os progenitores ou pais espirituais do corpo físico do homem. Podiam apenas criar ou, melhor dizendo, revestir as Mônadas humanas com seus próprios *eus* astrais, porém não podiam fazer o homem à sua imagem e semelhança. “O homem não deve ser como um de nós” – dizem os deuses criadores encarregados da fabricação do homem animal inferior –, mas superior. (*Doutrina Secreta*, II, 99)

Pitri-griha (*Sâncsc.*) – Local de sepultura; tumba, sepulcro.

Pitri-jâna (*Sâncsc.*) – Vesculo dos Pitris. (Ver *Uttara-Gîtâ*, II, 12 e o Comentário de K. Laheri.)

Pitrika (*Sâncsc.*) – Relativo aos *pitris* ou antepassados; paterno.

Pitrikânana (*Sâncsc.*) – “Morada dos pais”; cemitério.

Pitrikriyâ (*Sâncsc.*) – Oferenda aos manes ou *pitris*.

Pitri-loka (*Sâncsc.*) – O mundo ou região dos *pitris*, *richis* e *prajâpatis*, um dos oito mundos.

Pitri-pati (*Sâncsc.*) – Rei ou senhor dos *pitris*: Yama, deus da morte e juiz dos mortos. (*Doutrina Secreta*, II, 48)

Pitri-prasû ou **Pitrisû** (*Sâncsc.*) – O crepúsculo, por ser a hora em que os manes aparecem.

Pitripûjana (*Sâncsc.*) – Veneração ou culto aos *pitris*.

Pitrirâja – Ver *Pitri-pati*.

Pitri-irna (*Sâncsc.*) – Dívida com os pais: aquela contraída pelo fato de os pais terem nutrido o corpo físico de seus filhos. (Bhagavân Dâs, *Ciência das Emoções*)

Pitris [Propriamente *Pitaras*] (*Sâncsc.*) – Os antecessores ou criadores da humanidade. São de sete classes, três das quais são incorpóreas (*arûpa*) e quatro corpóreas. Na teologia popular diz-se que foram criados do costado de Brahmâ. No que se refere à sua

genealogia, as opiniões variam. Porém, segundo a filosofia esotérica, os Pitris são tal como se expõe na *Doutrina Secreta*. Em *Ísis sem Véu*, diz-se: “Acredita-se geralmente que este termo hindu significa os espíritos de nossos ancestrais, de pessoas desencarnadas, e daí o argumento de alguns espíritas de que os faquires (e *yogis*) e outros produtores de prodígios do Oriente sejam *médiuns*. Há aqui mais de um conceito errado. Os *Pitris* não são os antecessores dos homens atuais, mas aqueles da espécie humana ou das raças adâmicas; os espíritos das raças humanas que, na grande escala de evolução descendente, *precederam as nossas raças* de homens e foram *fisicamente, assim como espiritualmente, muito superiores* a nós, modernos pigmeus. No *Mânava-Dharma Shâstra* dá-se-lhes o nome de *Antecessores lunares*” (*Ísis sem Véu*, I, XXXVIII) A *Doutrina Secreta* explicou agora aquilo que cautelosamente fora adiantado nos primeiros livros teosóficos.

Durante o *manvantara* lunar, a evolução produziu sete classes de seres, denominados de *Pitris* ou “Pais”, pelo fato de terem engendrado os seres do *manvantara* terrestre. Estes seres são os antecessores da atual humanidade. Assim, pois, os *Pitris* (Pais, Antecessores, Divindades, espíritos ou regentes lunares) são Mônadas que, tendo terminado seu ciclo de vida na Cadeia lunar inferior à terrestre, encarnam-se em nosso planeta e passam a ser realmente homens. São as Mônadas que entram no ciclo de evolução no globo A e, dando a volta pela Cadeia de globos, desenvolvem a forma humana. No início do período humano da quarta Ronda neste globo, “*exsudam*”, por assim dizer, seus *chhâyâs*, sombras ou duplos astrais das formas, semelhantes àquelas do macaco, que haviam desenvolvido na terceira Ronda, e esta forma sutil, mais fina, é a que serve como modelo, ao redor do qual a Natureza constrói o homem físico. (*Doutrina Secreta*, I, 202-203) Os livros exotéricos hindus mencionam sete classes ou hierarquias de *Pitris*, três delas incorpóreas, *Arûpa-Pitris*, isto é, sem forma ou corpo, e quatro corpóreas, *Rûpa-Pitris*, também chamados de *Barhichads*. Os primeiros também denominados de *Vairâjas* ou “Filhos de Virâja (Brahmâ)”, são inteligentes e espirituais, enquanto que os segundos são materiais e desprovidos de intelecto. Esotericamente, os *Asuras* constituem as três primeiras classes de *Pitris*, “nascidos no corpo da Noite”, enquanto que as outras quatro foram produzidas do “Corpo da Aurora” (ver estes termos). Os *Pitris* ou Antecessores são, além disso, divididos em dois gêneros distintos: os *Barhichads-Pitris* e os *Agnichvâtta-Pitris*. Os primeiros possuem o “fogo sagrado” e os segundos estão privados do mesmo. O ritualismo hindu parece relacioná-los com os fogos artificiais e com os brahmanes “chefes de família” (*Grihasta*). Aqueles da classe mais elevada (esotericamente), a dos *Agnichvâtas*, são representados, na alegoria exotérica, como brâhmanes chefes de família que, por se descuidarem da manutenção de seus fogos sagrados domésticos e de oferecer holocaustos em suas existências anteriores *manvantaras*, perderam o direito de receber oblações com fogo. Já os *Barhichads*, por serem brâhmanes que mantiveram seus fogos domésticos, são assim honrados atualmente. Porém a filosofia esotérica declara que as qualificações originais são devidas às diferenças existentes entre as naturezas de ambas as classes: os *Agnichvâtas* são desprovidos de “fogo”, isto é, de paixão criadora, porque são demasiadamente puros e divinos; já os *Barhichad-Pitris*, por serem Espíritos lunares mais estreitamente ligados à Terra, tornaram-se os *Prajâpatis* inferiores, os *Elohim* “criadores” da forma ou do Adão de pó (*Doutrina Secreta*, II, 81), isto é, do homem físico (nosso corpo) e seus princípios inferiores; enquanto que os *Pitris* mais elevados (os *Pitris* dos *Devas*, *Mânasa-Dhyânis* ou *Agnichvâtta-Pitris*), verdadeiras divindades solares representantes da evolução intelectual, são os formadores do homem interno, dando-lhe a inteligência e a consciência (*Doutrina Secreta*, I, 114 e 204), sem tomar parte na sua criação física. Há uma dupla e até tripla série de *Barhichads* e *Agnichvâtas*: os primeiros, tendo originado seus “duplos astrais” (*chhâyâs*, sombras ou imagens astrais ou etéreas), renascem como filhos de Atri e são os *Pitris* dos *daityas*, *dânavas* e outros seres demoníacos; os *Agnichvâtas* renascem como filhos de Marîchi (filho